

Vladimir Palmeira

UNIÃO SOVIÉTICA: HÁ SOCIALISMO NISTO?

Em UNIÃO SOVIÉTICA: HÁ SOCIALISMO NISTO? Vladimir Palmeira passa em revista a análise crítica da natureza do regime soviético e procura elaborar um balanço da experiência da sociedade soviética após 1917, destacando aí as "lições" que poderiam ser, desde já, consideradas pelo movimento socialista atual.

Este é mais um lançamento da coleção *Socialismo Hoje*. Nosso objetivo: fazer pensar, discutir, aprofundar velhas e novas questões, sem sectarismos.

Publicaremos a seguir:
LÊNIN: OS CAMPONESES E O TAYLORISMO
de Robert Linhardt

Mais um lançamento da



EDITORA MARCO ZERO LTDA



EDITORA MARCO ZERO LTDA

2.^a Edição

*socialismo
hoje*

Exemplar n.º

0717

VLADIMIR PALMEIRA

Vladimir Palmeira

União Soviética:
há socialismo nisto?

Copyright by Vladimir Palmeira. Direitos adquiridos pela Editora Marco Zero Ltda., Travessa da Paz, 15, tel. 273-2337, CEP 20250 — Rio Comprido, Rio de Janeiro, RJ.

EDITORA MARCO ZERO LTDA.
RIO DE JANEIRO
1982

Diretores:

Maria José Silveira
Daniel Aarão Reis F.º

Projeto Gráfico:
Anita Slade

CIP Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P198u Palmeira, Vladimir.
União Soviética: há socialismo
nisto? / Vladimir Palmeira. —
Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
(Coleção Socialismo hoje; v. 2)

1. Rússia — História — Revo-
lução 1917-1921 2. Socialismo 3.
União Soviética — Condições eco-
nômicas I. Título II. Série

CDD — 330.947

335

947.0841

CDU — 338(47)

330.342.15

947"1917-1921"

820068

Sobre o Autor	7
Introdução	9
I — Que país é este?	11
Uma primeira visão da URSS	11
O caráter da sociedade soviética	18
Crítica à crítica	25
O marxismo e a revolução	31
II — Que revolução foi esta?	35
III — A revolução triunfante	43
Até a industrialização	43
A Rússia engoliu a revolução	50
IV — Problemas da Revolução Socialista ...	57
Notas	67

Aos Colorados

SOBRE O AUTOR

VLADIMIR PALMEIRA, que se projetou nacionalmente como liderança do movimento estudantil brasileiro, conheceria o exílio político desde 1969, voltando ao país em fins de 1979.

Neste período, teve oportunidade de conhecer e estudar as experiências e os processos de desenvolvimento dos chamados países socialistas.

Diplomou-se em Economia pela Universidade de Bruxelas, Bélgica, em 1979.

“Mas sempre nos resta o direito do sonho. Pode-se impedir o ser humano de qualquer coisa, menos de sonhar com uma sociedade mais justa.”

Jorge Amado

A crítica aos países que se auto-intitulam socialistas já não é mais novidade. Nem os antigos sacerdotes têm o poder da inquisição. Mudou o mundo, a luta de classes. De outro lado, o perfil destes países foi se desenhando com mais clareza e os novos movimentos sociais voltaram a ver o marxismo como algo essencialmente crítico.

O aspecto monolítico do bloco soviético começa a perder seu sentido. De um lado, há crise econômica. De outro, crise política. A famosa defesa da paz mundial foi ridicularizada pelos próprios soviéticos com as sucessivas invasões a países que desejam reformar o regime.

Mas a URSS representou durante muito tempo uma chama no coração de cada proletário e de cada revolucionário. Explicar o que é realmente esta sociedade anti-socialista é uma questão do interesse de todos os marxistas e de todos que se interessem pela libertação dos trabalhadores. Este interesse é maior porque cada país que fez a revolução neste século parece seguir o caminho da URSS. Os problemas da URSS são, assim, problemas da revolução.

Os dados econômicos da primeira parte deste trabalho são tirados quase integralmente do livro de Jean-Marie Chauvier, "L'URSS au second souffle". Na parte II, nos baseamos para a breve exposição sobre a Rússia sobretudo na "História da Revolução Russa" de Trotski. Para a parte III, foi importante a leitura do famoso livro de Carr, "La révolution Bolchevique".

Mas vamos ao que interessa.

I — QUE PAÍS É ESTE?

Uma primeira visão da URSS

A URSS assegura 1/3 da produção industrial do mundo, com apenas 10% da população mundial e 18% das terras. É a segunda potência industrial do mundo. Para um país que conhecia a fome, onde 4/5 da população estavam no campo, dependente do estrangeiro, trata-se de uma façanha.

Façanha maior quando sabemos que este resultado passa pela primeira e segunda guerras mundiais e pela guerra civil.

Entre 1918 e 1920, a produção industrial caíra a um nível inferior ao do século XIX. 85% das locomotivas estavam fora de uso. A produção agrícola representava 67% da de antes da guerra. Em 1921, houve a última grande fome de sua história.

Mas recuperou-se com rapidez. Em 1920, o potencial total instalado de energia elétrica era de 250.000 kw. Em 1925 já era de 4.345.000 kw. Se a produção industrial em 1921 correspondia a 1/5 da de antes da guerra, em 1926 já estava equiparada.

De 1913 a 1965, a produção industrial foi multiplicada por 61. Entre 1959 e 1966, o PNB cresceu 11,1% ao ano, contra 4% para os USA. Entre 1950

e 1970, o aumento foi de 10,1% contra 4,1% para os USA.

Entre 1951 e 1970, o aumento de produtividade na URSS foi de 6,3% ao ano contra 3% nos USA.

Entre 1913 e 1971, o número de especialistas foi multiplicado por 94 e o de diplomados de curso superior por 99.

O desemprego na URSS não existe desde 1930.

Estes resultados não devem disfarçar a crise da economia soviética: "Penúrias, acumulação de produtos impróprios ao consumo, abandono ou subemprego de equipamentos, de matérias-primas, etc., tais são os sintomas, entre outros, de uma crise que se exacerba entre 1959 e 1965".¹ Chauvier prossegue dizendo que nenhum destes sintomas é novidade na URSS mas que, por sua quantidade e por mudanças qualitativas introduzidas na economia e na sociedade, chegaram a um ponto intolerável.

No meio desta crise, o PCUS declarava, em seu programa de 1961, que em vinte anos chegar-se-ia a uma sociedade sem classes, abolindo-se todas as desigualdades sociais, bem como as diferenças entre cidade e campo, entre trabalho manual e intelectual, chegando-se à transformação gradual do Estado em autogestão social.

A abundância de produtos industriais e agrícolas seria assegurada desde 1970, bem como a semana de 35 horas. Por esta mesma época, a URSS já teria ultrapassado os USA como potência industrial.

Chauvier observa que estes sonhos não se acabaram, mas seu tempo de discussão intensa passou

porque não se podia discutir o pão grátis quando o racionamento de farinha fazia sua reaparição.

Ficou a crise. O aumento anual da produção industrial decrescia:

1952	12%
1957	10%
1960	9,5%
1961	9,1%
1962	9,7%
1963	8,1%
1964	7,1%

A produção agrícola, que crescia 8% ao ano entre 1954 e 1958, passou a crescer 1,6% entre 1959 e 1964.

O aumento da produtividade caiu de 7% em 1957 para 4% em 1964. O rendimento dos fundos de produção² caiu 14,8% entre 1960 e 1965 (10,1% para a indústria).

Perde-se 30 bilhões de rublos em obras que se eternizam, projetos inacabados, equipamentos inutilizados. A deficiência de provisão técnico das empresas causou paralisias de trabalho que equivalem a uma perda de 25% na produção. Com o metal empregado para consertar as máquinas de cortar metal, ter-se-ia fabricado 150.000 máquinas a mais, o equivalente a 70% da produção anual. 40% dos motores elétricos ficam fora de serviço ao fim do primeiro ano de utilização. 33,8% dos acidentes de trabalho são causados por defeitos ou falta de controle técnico. O *stock* de não-vendidos

era de 19 dias em 1928, de 60 dias em 1940, de 90 dias em 1950, de 140 dias em 1964.

A industrialização fez-se em cima de uma desproporção muito grande entre os setores I e II. A população ressentia-se da pequena quantidade e variedade ofertada de bens de consumo. (quadro 1, p. 65)

O tão citado objetivo de ultrapassar os USA não foi realizado. Já vimos que o aumento do PNB e da produtividade é maior na URSS que nos USA. Mas as diferenças absolutas permanecem e são importantes.

A diferença é grande na indústria extrativa: os USA têm quatro vezes menos operários e extraem duas vezes mais. Na agricultura também: um agricultor soviético alimenta cinco pessoas, enquanto um agricultor americano alimenta setenta e três. O parque de autômatos (robots) e semi-autômatos era estimado em 1% em 1969 contra 23% dos USA. A URSS tem 10% somente do parque de computadores dos USA. A produtividade dos sábios soviéticos é metade da dos americanos. A produtividade industrial representa de 50 a 60% da dos USA. As taxas de crescimento do PNB continuam altas mas já não são as mais altas, superadas pelas de outros países "socialistas" e pelas do Japão.

Esta gama de problemas levou diversos economistas soviéticos a propor reformas, algumas das quais começaram a ser aplicadas em 1965. Um traço comum a todas estas propostas era o aumento do papel do mercado e a introdução de certos índices de rentabilidade.

As principais críticas dos economistas deviam-se aos seguintes fatores:

- a) excesso de índices impostos do alto;
- b) culto da produção global (produção sem preocupações com a qualidade ou o preço das matérias-primas);
- c) irresponsabilidade financeira, causada pelo fato da empresa não arriscar nada já que os fundos fixos eram dotações do Estado;
- d) falta de interesse pelos resultados coletivos, a rentabilidade estando ligada à performance individual ou por categoria.

Foram propostos dois remédios de base:

- 1) a substituição do índice de produção global pelo de produção vendida, impondo-se à empresa a fabricação de produtos vendáveis;
- 2) instaurar como segundo índice, ou índice sintético, o da rentabilidade, relacionando o lucro e os fundos produtivos

Nemtchitov avança muito mais: propõe a substituição da noção de plano obrigatório pela de plano diretivo, a reforma do sistema de preços, a substituição do racionamento administrativo em vigor pelo comércio dos equipamentos e matérias-primas, a gestão "econômica" dos fundos de produção, o todo a serviço de uma verdadeira planificação centralizada dos objetivos e dos investimentos. Chauvier observa que esta proposta que, note-se, foi recusada, já não implicaria em uma simples reforma técnica mas modificaria substancialmente as relações de produção, aumentando de forma considerável as relações mercantis.

A aplicação da reforma apresentou algumas características interessantes. Pela primeira vez, desde 1926, a taxa de crescimento do setor II é maior que a do setor I. Esta tendência vai manter-se no período 1971-1975. A agricultura recebe em dez anos o que não tinha recebido em meio século.

As mudanças no mecanismo de planificação foram pequenas: mais importância à utilização planificada dos mecanismos mercantis, à aplicação da matemática, ao recurso às técnicas eletrônicas.

As maiores mudanças foram ao nível da empresa. O número de índices impostos do alto foi reduzido. O índice da produção global foi substituído pelo de produção realizada ou vendida, o lucro tornando-se um dos índices sintéticos de eficácia. Aumentou a responsabilidade financeira da empresa, os investimentos a fundo perdido do Estado sendo substituídos por créditos.

Os êxitos foram grandes a nível experimental. Mas os benefícios foram engulidos quando a reforma estendeu-se a todo o país. Os resultados previstos pelo plano para 1966-1970 não foram alcançados no que tange à produção agrícola, aos investimentos e à produtividade.

Para Chauvier, os problemas encontrados pela reforma são de duas ordens:

a) contradições entre a reforma e o antigo sistema:

- as administrações entravam continuamente a aplicação da reforma;

- a lógica mesma da reforma entra em conflito com os princípios da planificação centralizada administrativamente;
- os meios de estímulo econômico continuam limitados.

b) contradições nascidas da reforma:

- tendência a obedecer aos sinais do mercado mais que às injunções do plano;
- aumento da desigualdade entre as empresas;
- papel crescente dos técnicos e especialistas.

Politicamente, a URSS é uma ditadura. Não há pluripartidarismo, não há liberdade sindical, o direito de greve é inexistente, o Estado define a política cultural, artística, etc., não há liberdade de imprensa. Nenhuma oposição é permitida. Quem reclama corre o risco de ir parar em um dos campos de concentração, onde habitam cerca de dois milhões de pessoas. Conforme a agressividade de sua oposição, o cidadão pode mesmo ser obrigado a sofrer um tratamento psiquiátrico para retornar à normalidade soviética.

Como veremos adiante, a falta de liberdade não vem de hoje e data do período inicial da revolução. O pluripartidarismo foi abolido na prática antes da morte de Lenin, bem como a proibição de frações e tendências no interior do partido bolchevique. A direção do partido bolchevique sobre a so-

cidade, se bem que praticada já no tempo de Lenin foi consagrada pela Constituição nos anos trinta.

A repressão sobre os trabalhadores e os militantes do partido, bem como a opressão nacional e cultural, foram radicalizadas na época de Stalin. Com a desestalinização, houve certa abertura política, um certo renascimento artístico e cultural. Mas a abertura durou pouco e o peso da ditadura fez-se sentir de forma mais intensa uma outra vez, seja do ponto de vista interno, seja do ponto de vista internacional, como demonstrou a invasão da Tcheco-Eslováquia em 1968.

O caráter da sociedade soviética

A primeira visão apresentada é descritiva. Não nos dá uma idéia, a não ser superficial, do que é a sociedade soviética. Esconde as relações sociais, não apresenta o mecanismo de produção e reprodução. Não expõe o mecanismo do poder.

A URSS declara-se socialista. Stalin já em 1938 nos explicava que:

“No regime socialista que, até este momento, só está estabelecido na URSS, é a propriedade social dos meios de produção que forma a base das relações de produção. Aqui já não há exploradores nem explorados. Os produtos são repartidos mediante o trabalho fornecido por cada um e segundo o princípio: ‘Quem não trabalha não come.’ As relações entre os homens no processo de produção são relações de colaboração fraterna de entre-ajuda socialista dos trabalhadores libertos da exploração. As

relações de produção estão perfeitamente adequadas ao estado das forças produtivas, pois o caráter social do processo de produção está alicerçado na propriedade social dos meios de produção.”³

Esta opinião é contestada de diversas formas por diversas tendências e pessoas. Baseiam-se em fatos incontestáveis como o da propriedade ser estatal e não social, do proletariado não exercer poder nenhum e não ter a mínima liberdade, mesmo a nível sindical, da presença de uma burocracia que assume privilégios enormes e que governa de fato, de uma política exterior de grande potência, do aparelho de Estado crescer e não desaparecer, e em outros mais.

Duas grandes correntes existem na apreciação da sociedade soviética: uma que considera ser a URSS uma sociedade capitalista e outra que defende ser uma espécie de regime transitório ou mesmo um modo de produção específico, nem capitalista nem socialista. Mas veremos que esta primeira divisão é insuficiente, pois dentro de cada corrente existem, na verdade, diferentes enfoques.

A tese de que a URSS é capitalista não é nova. A antiga social-democracia defendeu desde o início tal posição. Um primeiro argumento que usavam é que não poderia a URSS ser socialista, de maneira nenhuma, pelo baixo desenvolvimento das forças produtivas. A revolução russa era burguesa e não era possível saltar uma etapa necessária do desenvolvimento. Caberia à burguesia organizar a nova sociedade. O destino da URSS era o capitalismo e disto não poderia escapar. Em uma situação de subdesenvolvimento, segundo eles, uma economia de

tipo comunista podia tornar-se diretamente a base de um despotismo. Kaustky afirmava que a revolução russa seria a última das revoluções burguesas e não a primeira das revoluções proletárias.*

O ponto de partida dos chamados esquerdistas dos anos vinte, onde o setor que restou ficou conhecido como comunistas conselhistas, era exatamente o mesmo, ou seja, o desenvolvimento das forças produtivas impedia que a revolução fosse socialista. Mas, ao contrário dos social-democratas, tinham uma posição de que a revolução deveria ter sido feita. Além do mais não esperavam que nada resultasse espontaneamente do desenvolvimento das forças produtivas. E antecipavam mesmo certas posições que parecem saídas do debate de hoje em dia, como o ilustra este trecho de Korsch:

“Que seus ideólogos invoquem a ‘construção do socialismo’ como uma ‘prova’ do acerto de seus pontos de vista, nada mais compreensível. Mas para a Rússia é necessário também se colocar a questão de classe: que tipo de indústria se constrói e no interesse de que classe? A questão determinante não é a das curvas de produção mas a questão de classe.”⁵

É injusta, pois, a posição de Bettelheim, quando os coloca dentro de uma posição economicista.

Bettelheim, ele próprio, é um representante abalizado da posição maoísta. Embora se posicionando pelo caráter capitalista da URSS, e, como os comunistas conselhistas, falando em capitalismo de Estado, ele pretende explicar o capitalismo soviético não pelo baixo nível das forças produtivas na época da

revolução, mas através da evolução das relações de produção:

“... o principal obstáculo a uma política socialmente unificada (da qual o plano econômico não pode ser senão o meio) encontra-se não no nível do desenvolvimento das forças produtivas mas na natureza das relações sociais dominantes, quer dizer, ao mesmo tempo, na reprodução da divisão capitalista de trabalho e nas relações ideológicas e políticas que, embora sendo um efeito desta divisão, constituem as condições sociais desta reprodução...”⁶

Instalou-se, sobretudo pela solução equivocada da questão da aliança operário-camponesa na Rússia, um capitalismo de Estado. É bem verdade que a propriedade é estatal. Mas estatal não quer dizer social e os trabalhadores não têm o menor controle sobre os meios de produção. O próprio fortalecimento do Estado soviético expressa a permanência de uma sociedade de classes, que se distingue dos outros países capitalistas somente porque representa o capitalismo levado a seus limites.

A primeira oposição de peso à evolução da sociedade soviética sem identificá-la com o capitalismo foi encarnada por Trotski e vem sendo desenvolvida pelo movimento trotskista. Em um primeiro momento, Trotski chegou a descobrir um duplo poder na URSS. Segundo ele, o proletariado estava relegado a segundo plano; outras camadas e frações de classe elevavam-se, açambarcando “uma boa parte se não do poder, pelo menos da influência sobre este”. Neste lado, ele colocava profissionais liberais, intermediários e funcionários do Estado, das cooperativas, dos sindicatos e do partido. Através destas

camadas, o poder soviético caía cada vez mais na esfera de influência dos interesses burgueses. Trotski advertia ainda que a dualidade de poder não poderia durar muito.⁷

Talvez sob a influência da reviravolta stalinista que impôs a coletivização do campo, Trotski passou a adotar uma posição mais moderada, que foi a base para a atual posição trotskista. Ele definia, em 1936, a sociedade soviética como “não socialista” mas um regime “transitório entre o capitalismo e o socialismo, ou preparatório para o socialismo”. Não podia ser socialista porque o rendimento do trabalho ainda era baixo. Haveria duas tendências na sociedade soviética que corporificavam uma contradição: “desenvolvendo as forças produtivas são criados os fundamentos econômicos do socialismo; levando-se ao extremo as normas de repartição burguesas, prepara-se a restauração capitalista”.⁸

Haveria assim uma contradição entre a propriedade estatizada e as normas de repartição. Mas Trotski não afirmava que se estava na primeira fase da sociedade comunista, definida por Marx na crítica ao programa de Gotha. Estaríamos diante de algo *sui-generis*, fruto da revolução proletária em um país atrasado.

Embora Trotski valorizasse muito o nível de desenvolvimento das forças produtivas, não tinha uma posição fechada. Ele reconhecia, por exemplo, que a burocracia da URSS não tinha o mesmo caráter da dos países capitalistas. Em certo sentido, o Estado pertence a ela e, por consequência, os meios de produção. De outro lado, a diferença de rendas

seria determinada não pela simples diferença de produtividade individual mas “pela apropriação mascarada do trabalho de outrem”.

Finalmente, Trotski terminava declarando que a questão não estava historicamente esclarecida.

Mas esclarecida ela parece estar para os trotskistas, que se aferram à versão mais moderada de Trotski, não sem cometer alguns erros novos, chegando a distorcer o que foi dito pelo próprio fundador desta corrente política.

É o caso, por exemplo, de Mandel que, sob o pseudônimo de E. Germains, apresenta-nos algumas teses sobre a burocracia nos Estados operários, como são chamados pelos trotskistas os países burocráticos.⁹ Mandel transforma a transição de Trotski em uma verdadeira transição entre o capitalismo e o socialismo desenvolvido, ou seja, ele analisa a transição como se estivesse a URSS na primeira fase da sociedade comunista. Embora reconhecendo que a URSS não é socialista, tenta colocá-la em outra situação, bem diferente daquela teorizada por Trotski.

É assim que define tal sociedade de transição pela supressão da propriedade privada capitalista, pela apropriação coletiva dos grandes meios de produção (transporte, indústria, finanças, etc.), pelo monopólio do comércio exterior e pela introdução da planificação socialista na economia. Ou seja, não tem nada realmente a ver com o que Trotski dizia.

Mandel afirma logo em seguida que isto (!) implica em uma contradição fundamental entre o modo de produção que já não é capitalista e o modo de distribuição que permanece burguês. E afirma

que Marx, na crítica ao programa de Gotha, diz que em toda a sociedade de transição, e mesmo na primeira fase do "socialismo", a desigualdade social que subsiste é a expressão das normas de distribuição burguesa. E Mandel finaliza dizendo que esta contradição é essencial em toda sociedade de transição.

Outro é o fio do raciocínio de Bahro.¹⁰ De um lado, apresenta certas semelhanças com os que viam a impossibilidade do socialismo na URSS. Segundo ele, o movimento socialista russo do início do século devia assumir uma tarefa objetivamente diferente daquela para a qual se julgava chamado e a tomada do poder não poderia conduzir a algo muito diferente do que se vê.

De outro lado, não vê modo de produção capitalista nenhum na URSS. Para ele, tratar-se-ia de um regime proto-socialista, uma via não-capitalista de desenvolvimento. Mas distingue-se do trotskismo porque vê na URSS uma sociedade de classes, onde a contradição principal seria entre a burocracia e o povo, compreendidos na primeira os altos funcionários, inclusive do exército, da polícia e da elaboração ideológica, ou a vasta categoria de funcionários do partido, do Estado e dos organismos máximos.

As próprias classes não são as mesmas que no capitalismo. Para Bahro, o conceito de classe operária não tem mais sentido nestes tipos de sociedade. As classes são dadas pelos níveis funcionais e culturais, pela colocação na estrutura da divisão de trabalho.

Ao mesmo tempo, porém, Bahro diz que se a revolução tivesse acontecido em um país avançado industrialmente, a coisa não seria muito diferente do que é e, em certo momento, chega a declarar lealdade à base não-capitalista, separando-a do que chama a superestrutura antiquada. Assim, termina de certa forma aproximando-se das posições que não vêm na URSS uma sociedade de classes.

Crítica à crítica

As posições sobre transição são até hoje pouco convincentes. Se algumas são bastante claras quanto ao fato da URSS não ser socialista, perdem-se quando vão mais além.

A tese da URSS capitalista comete de cara um erro palmar, ao ignorar na prática o atraso da URSS antes da revolução. É evidente que as forças produtivas não explicam tudo e têm razão nisto. Mas é claro que não se pode construir socialismo nenhum com baixo nível de desenvolvimento delas. O voluntarismo maoísta expressa-se bem na afirmação de Bettelheim quando cita a China como exemplo de que o baixo nível das forças produtivas não é um obstáculo à transformação socialista da sociedade e que a vida teria mostrado como era possível resolver os problemas colocados pelas transformações socialistas das relações sociais... Fica evidente hoje a ilusão desta posição. A China entrou definitivamente no caminho da sovietação.

Ninguém prova que a lei do valor predomina na sociedade soviética. É certo que existem catego-

rias mercantis. É certo mesmo que elas parecem desenvolver-se. Mas produção e preços são controlados administrativamente e a reprodução social é garantida pelo plano. O próprio Mattick, que foi comunista de conselho, terminou reconhecendo que a lei do valor não predomina na URSS e diz que ela ou predomina ou não existe. Não há possibilidade que ela funcione localmente.

É certo que a propriedade estatal não quer dizer propriedade social nem muito menos apropriação coletiva. É certo também que a tecno-burocracia apropria-se do trabalho excedente dos trabalhadores. Mas não há mais-valia na medida em que a lei do valor não domina. Nem todo o trabalho excedente exige o regime capitalista.

A definição de capitalismo de Estado é inconsistente. Ou bem ela consagraria um Estado que tivesse ele mesmo força econômica e interviesse na economia capitalista, o que não é o caso, ou um Estado que controlasse toda a economia e que rateasse o lucro proporcionalmente aos capitalistas, coisa que não existe e não passa de uma ficção teórica.¹¹

Finalmente, a maior parte dos críticos de uma URSS capitalista, embora possam dizer que ela exerce opressão nacional (até em seu interior existe o fenômeno da opressão de nacionalidades), não podem afirmar que ela é imperialista. O próprio Bettelheim só chega a dizer que cada vez mais ela tem uma política imperialista. Não é à toa; não se encontram na URSS os famosos traços definidores do imperialismo, ressaltados por Lenin. E caímos em um paradoxo. Um país capitalista, aliás monopolis-

ta, até de Estado, segunda potência industrial do mundo, que não é imperialista.

A existência da sociedade de transição deve ser questionada de duas formas, sendo bem distintas as posições.

Já vimos que a posição de Trotski era mais aberta. Afinal, a história ainda não tinha decidido a questão. Mas já neste momento era patente que ele subestimava a produção em prol da repartição. Esta versão, fruto de uma interpretação equivocada de Marx no texto sobre o programa de Gotha, ganhou até certa voga porque tratava das questões mais superficiais e visíveis na sociedade burocrática: a questão da renda. Logo veremos o que Marx dizia. Queremos ressaltar antes que o que em Trotski era compreensível, inclusive pelo momento em que vivia, tornou-se mais grave em seus seguidores. De dois pontos de vistas: em primeiro lugar, porque a história mostrou que, apesar de todo o desenvolvimento das forças produtivas, o socialismo nunca esteve tão longe de existir na URSS. Poderíamos citar o aumento do aparelho do Estado, de seu exército e de sua polícia, a consolidação da burocracia, a permanência e mesmo o desenvolvimento das categorias mercantis.¹² Dentro do raciocínio de Trotski seriam as normas burguesas de repartição que teriam predominado? Não se sabe. Em segundo lugar, tornou-se mais grave porque os seguidores inventaram algumas coisas.

A definição de transição que dão corresponde ao que Marx chamava de primeira fase do comunismo. Claro, se há planificação socialista e apropriação coletiva dos grandes meios de produção...

Na verdade afirmam que a base da economia soviética é socialista. E com isto se preparam para colocar todos os "desvios" do "socialismo" russo na repartição.

Como vimos, Mandel fala em uma contradição fundamental entre o modo de produção que já não é capitalista e o modo de distribuição que permanece burguês. Em seguida, diz que Marx afirmara que, em toda a sociedade de transição, e mesmo na primeira fase do socialismo, a desigualdade social que subsiste é a expressão das normas burguesas de distribuição.

Ora, Marx nunca disse que esta era uma contradição fundamental. Depois, jamais afirmou que o modo de repartição ou distribuição permanece burguês. Finalmente, jamais falou de sociedade de transição em geral, mas especificamente da primeira fase da sociedade comunista, tal como acaba de sair do capitalismo.

Marx jamais declarou que era uma contradição fundamental. Referindo-se ao problema de que o produtor recebe o equivalente ao que deu à sociedade, o que é um princípio burguês, Marx afirmou assim:

"Mas estes defeitos são inevitáveis na primeira fase da sociedade comunista, tal como acaba de sair da sociedade capitalista, após um longo e doloroso parto."¹³

O que é uma contradição fundamental para Mandel, para Marx era um defeito. Que diferença!

Marx jamais afirmou que o modo de distribuição ou repartição permaneceriam burgueses. Bem ao contrário, na seqüência do texto, Marx acusa o

programa de dar demasiada importância à repartição e diz que em todas as sociedades a repartição dos objetos de consumo é consequência do modo como estão distribuídas as próprias condições de produção. Por exemplo, no capitalismo, as condições materiais de produção são atribuídas aos não-trabalhadores sob a forma de propriedade capitalista e de propriedade fundiária, ao passo que a massa possui apenas as condições pessoais de produção, ou seja, a força de trabalho. E diz:

"Distribuídos desta maneira os elementos de produção, a atual repartição dos objetos de consumo resulta natural por si mesma."

Marx diz que é um princípio burguês que orienta a repartição na primeira fase entre os trabalhadores mas não que as normas burguesas de repartição predominem; os materiais de produção serão propriedade coletiva dos trabalhadores, donde as condições de produção estarão distribuídas de forma socialista, não haverá repartição de mais-valia, e ninguém viverá do trabalho de outrem.

Portanto é na produção que deveremos buscar as raízes das desigualdades. Este parece ser o caminho adotado por Bahro quando descobre um novo regime, novas classes sociais e quando coloca claramente a questão na produção. O raciocínio de Bahro é, no entanto, equivocado porque tira as classes de uma análise meramente funcional. Sua análise não passa pelo mecanismo de criação e apropriação do trabalho excedente e suas classes padecem do sopro de vida. Seja, o conceito de classes de Bahro não passa pela luta entre elas.

Se reconhece que a URSS não poderia ter construído socialismo nenhum, através inclusive de uma análise nova na base dos resíduos do modo de produção asiático, forma nova de entender o atraso do país, perde-se quando diz que a mesma coisa aconteceria se a revolução tivesse sido em um país desenvolvido.

Finalmente, termina por não escapar da tal sociedade de transição ao socialismo não só quando batiza o regime de proto-socialista mas quando jura lealdade à base econômica. Depois de tudo o que disse sobre a questão da produção fica difícil de entender. Questão de tática?

O fato é que permanece nos quadros de uma ilusão. A ilusão da reforma do regime soviético, da limpeza de obstáculos para que o país possa avançar para o socialismo. E o primeiro problema está aí. Precisamos deixar de pensar que a sociedade soviética representa uma transição ao socialismo. Cada vez mais ela se desenha como um modo de produção específico.

A tradição impunha: ou socialismo ou capitalismo. Mas o fruto do desenvolvimento desigual e combinado foi um novo modo de produção, caracterizado pelo controle dos meios de produção pela tecno-burocracia que explora os trabalhadores. As diferenças de renda provêm daí, de que a tecno-burocracia, através da propriedade estatal, dispõe dos meios de produção. Aos trabalhadores, só lhes resta uma aparência, a força de trabalho, no fundo também controlada pelo Estado.

O Estado sintetiza o político e o econômico. Não há separação entre poder econômico e político.

O Estado determina investimentos e alocação de recursos. O Estado determina a repartição. O Estado planifica o crescimento e a distribuição. O Estado normaliza a cultura. O Estado reprime. O Estado interna. O Estado expulsa. E esta imensa máquina por vezes parece impessoal, acima da vida e da morte, acima da sociedade. Mas o Estado é a tecno-burocracia que, por trás dos interesses públicos, esconde sua sede de poder e de riqueza.

Nas mãos da tecno-burocracia, em especial dos privilegiados do partido comunista, o marxismo tornou-se uma ideologia, a mascarar ou a tentar mascarar uma dominação cruel. A dialética do desenvolvimento social exige que a tecno-burocracia cite Marx e Lenin, afirme sem cessar que o regime é socialista, diga aos próprios trabalhadores que o poder é deles, que na URSS se vive melhor que em qualquer parte, que não há contradições de classe. O regime não tolera fissuras, é demasiadamente inteiriço. Não comporta meias medidas. Não espanta que tenha de acusar de loucos aos que se arriscam a dizer a verdade.

Um regime deste não tem nada de transitório. E não pode ser mudado por reformas.

O marxismo e a Revolução

Os leitores já perceberam que boa parte dos debatedores da questão do caráter da sociedade soviética diziam que era impossível construir lá o socialismo. Não quisemos começar por aí, talvez para não cair nas iras de alguns camaradas, que colocam qualquer tentativa de comparar o que existe na

URSS com o que Marx disse, como uma tentativa moralizante.¹⁴ Segundo eles é moralizante porque significa que é pelo fato de os "Estados operários" não corresponderem ao ideal, que se diz que não são operários, ou seja, Estado operário é o que existe na URSS.

Ora, o marxismo tem uma definição precisa de ditadura do proletariado, termo evitado mas que corresponde ao de Estado operário, utilizado por alguns. A questão a analisar-se seria a de se estes estados são operários. Ora, os operários não detêm o poder do Estado, nem governam nem influenciam, não podem nem ter sindicatos livres: dizer que é um Estado operário parece uma impropriedade.

Aliás, os mesmos que dizem isto dizem que não há comunismo na URSS. Um stalinista poderia observar com razão que dizem isto porque o comunismo não corresponde ao ideal que dele faziam os trotskistas...

Para Marx e Engels, o comunismo nascia das contradições do capitalismo desenvolvido. O capitalismo desenvolve a produção e a torna social e a produção social se choca a cada passo com a apropriação privada do próprio modo capitalista. Nesta contradição se encontra o germe de todo o conflito dos tempos atuais. A contradição entre a produção social e a apropriação capitalista reveste a forma de antagonismo entre o proletariado e a burguesia.¹⁵

Engels observa também que este conflito assume a forma de antagonismo entre "a organização da produção em cada fábrica e a anarquia da produção no seio da sociedade". "Ou, o modo de produção choca-se com o modo de troca."

A transformação do modo de produção passa por uma revolução que destrua o estado burguês e instaure a ditadura do proletariado. Esta ditadura, que já não é um estado no sentido estrito do termo, tem como objetivo reprimir a burguesia e assegurar a passagem à sociedade sem classes.

A coletivização acaba com a anarquia da produção e a regula. Encerra-se o período histórico de luta pela sobrevivência individual. O homem transforma-se em dono e senhor das relações sociais.

No que Marx chamou de fase superior da sociedade comunista, já estará desaparecida a "escravizante subordinação dos indivíduos à divisão de trabalho e, com ela, a oposição entre trabalho intelectual e o trabalho manual", haverá "um desenvolvimento múltiplo dos indivíduos", as forças produtivas aumentarão e chegar-se-á à abundância, o trabalho não será apenas um meio de viver mas a primeira necessidade vital.¹⁶

Ora, o comunismo sai do capitalismo desenvolvido.

Marx e Engels trataram sobretudo da revolução socialista, ou seja, da revolução proletária nos países capitalistas industrialmente avançados. E ainda assim não pensavam em revolução em um só país. Julgaram sempre que ela fosse internacional (o que não quer dizer que se dessem todas ao mesmo tempo). Está patente que nem a Rússia era um país avançado, nem a revolução internacionalizou-se. Portanto, não se tratou de uma revolução socialista.

"A tragédia (soviética) tem sua causa principal no fato de que o movimento socialista russo do início do século devia assumir uma tarefa objetiva-

mente diferente daquela para a qual se julgava chamado” diz Bahro.¹⁷ “O encavalamento das revoluções burguesa e proletária em 1917, em seguida, o isolamento do Estado soviético, impuseram à revolução russa tarefas que não tinham nada de especificamente socialistas e que haviam sido historicamente cumpridas no Ocidente pelas burguesias: levantar a indústria, assegurar a independência e a grandeza nacionais”, diz Chauvier.¹⁸ “Na formação e educação dos quadros, como em outros domínios, o regime soviético cumpre uma tarefa que a burguesia, já há muito tempo, terminou”, diz Trotski. E Diaz afirma: “Algo que já não era capitalismo, nem era todavia socialismo, que por seu caráter tinha algo de um e de outro, que por sua fragilidade podia evoluir para o capitalismo dependente a que estava condenado este país semi-asiático e semi-bárbaro, evoluir lentamente até que a esperada revolução em outros países permitisse o comunismo pelo qual lutaram Marx e Lenin, ou finalmente produzir um Estado distinto, original, que contasse de uma maneira obscura ainda com as premissas culturais a partir das quais aspirar ao comunismo (porque, para Lenin, este seria sempre o objetivo), ou não, e ainda assim situar definitivamente o povo russo na história contemporânea”.²⁰

Mas havia um proletariado e havia os comunistas e houve a revolução. Não perceberam os marxistas a complexidade da situação? Não imaginaram o resultado? Que queriam eles afinal com a Revolução? Detenhamo-nos um momento junto aos atores desta tragédia.

II — QUE REVOLUÇÃO FOI ESTA?

A Rússia era um país capitalista atrasado, ocupando entre a Europa e a Ásia uma situação intermediária, “não somente pela geografia, mas pela vida social e a história”.²¹ Quatro quintos da população estavam no campo. Possuía 400 metros de via férrea por cada 100 kms, contra 11,7 kms para a Alemanha. O capitalismo crescia, o capital mercantil ia ditando cada vez mais as normas da produção agrícola, mas o modo de produção no campo era bastante atrasado.

Uma parte importante da indústria russa era extremamente moderna. Controlada em boa parte pelo capital estrangeiro, sobretudo através dos bancos, estava bem aparelhada tecnicamente e apresentava um grau de concentração muito alto, superior mesmo à indústria dos USA. As empresas de menos de 100 trabalhadores davam emprego a 35% do efetivo total dos operários americanos contra 17,8% na Rússia. As empresas “gigantes”, ocupando mais de 1 000 operários davam emprego a 17,8% do total dos operários nos USA contra 44,4% na Rússia.

Se Marx retirou de 1848 a lição do caráter contra-revolucionário da burguesia nas próprias revoluções burguesas, este caráter ficou claríssimo na revolução russa. O império russo era governado por um czar, que detinha o poder absoluto, apoiado em uma aristocracia da terra tremendamente reacionária e uma burocracia talvez mais reacionária ainda. A burguesia desejava a abertura mas a cada dia se contentava com menos. Estava disposta a qualquer acordo com o czarismo. Isto pode parecer irracional porque os resquícios feudais da sociedade russa, o peso da aristocracia e da burocracia czarista dificultavam o desenvolvimento do capitalismo. Mas é que a burguesia já se defrontava com um proletariado extremamente combativo. O medo da luta proletária limitava as ambições oposicionistas da burguesia.

O proletariado não defendia somente seus interesses econômicos. Partia para a luta política, e fez sua primeira revolução em 1905. O resultado desta revolução, algumas migalhas democráticas e uma repressão tremenda em cima do proletariado, não pode esconder duas questões essenciais para a vitória em 1917. A primeira foi a formação dos soviets, criação espontânea do proletariado, que seriam os órgãos da insurreição e de poder em 1917. A segunda foi a absoluta necessidade do apoio dos camponeses para que a revolução pudesse triunfar.

A guerra de 1914-18 interrompeu um ascenso importante do movimento operário mas ela mesma terminou jogando um papel decisivo para a deflagração da revolução. O exército russo foi massacrado e começou a decompor-se. Grassava a indiscipli-

na. A fome tomou conta do país. A revolução estava no ar. Mesmo quando o czarismo caía de podre, a burguesia tentou negociar. Mesmo quando a revolução estava nas ruas, a burguesia tentou negociar. Os trabalhadores não permitiram conciliação. Constrangida, a burguesia ocupou o governo.

As coisas não eram tão simples. Na insurreição que levou a burguesia ao governo, o proletariado havia construído os novos soviets. Criou-se uma situação de duplo poder. Os dirigentes dos soviets eram mencheviques, acreditavam que cabia à burguesia o uso do poder, já que a etapa da revolução era burguesa. Mas enfrentaram a oposição do próprio proletariado e dos bolcheviques.

Vai-se desenhando uma situação onde a burguesia alia-se aos socialistas moderados contra os bolcheviques, em uma situação porém onde o proletariado e o campesinato se radicalizam, embora com diferentes ritmos, onde os soldados tinham seus próprios soviets e não aceitavam mais nenhuma ordem sem discussão.

A revolução de fevereiro começou pedindo o pão, avançou exigindo a paz e decidiu-se tomando as terras. O proletariado já em julho queria a luta. Os bolcheviques seguraram. Mas a partir de agosto explode a revolta camponesa, o exército desmorona-se. A tomada do poder em outubro foi a consagração de uma correlação de forças que já estava nítida.

Todo o poder aos soviets, reivindicação que estava nas ruas, reivindicação de proletários e soldados, foi conquistada.

Como a revolução iria prosseguir? Como este processo todo foi teorizado e programado? Como o partido bolchevique colocava a dinâmica do processo revolucionário?

As discussões programáticas eram ardentes na Rússia. Os bolcheviques mudaram posições em algumas oportunidades, e mais que eles, Lenin, seu principal dirigente. Em todo o caso, houve sempre acordo no fato de que a revolução na Rússia era burguesa, pelo fraco desenvolvimento do capitalismo e resquícios do feudalismo e pela imaturidade do proletariado. Era comum a toda a social-democracia (com exceção de Trotski) a tese de que o proletariado deveria passar pela democracia burguesa para se educar politicamente.

Grosso modo, podemos detectar três momentos em Lenin. Em um primeiro momento ele era o que se costuma chamar normalmente um etapista e sua posição não diferia praticamente daquela que viria a ser adotada pelos mencheviques. Limitava-se a algumas reivindicações antifeudais e à defesa de certos direitos políticos. Dizia que a revolução política precederia a revolução socialista e caracterizava assim a derrubada do absolutismo:

“O que se entende pela derrubada do absolutismo? É a renúncia do czar ao poder ilimitado, o poder dado ao povo de escolher seus representantes para legislar, para controlar a atividade dos funcionários, para controlar a receita e a despesa do Estado. A forma de governo onde o povo participa na legislação e administração do Estado chama-se a forma constitucional de governo”... “Em consequência... o que é preciso é obrigar o czar a re-

nunciar a seu poder absoluto e convocar um zemski-sobor formado por representantes do povo para estabelecer uma Constituição.”²²

E sobre a necessidade da democracia burguesa afirmava:

“Se não colocarmos no primeiro plano as prerrogativas do parlamento, onde então os operários aprenderão a conhecer os direitos políticos e as liberdades políticas?”²³

Mas esta fase de Lenin correspondeu ao fim do século passado. Com a constituição do partido, as brigas com os mencheviques, a necessidade de dar respostas políticas mais prontamente, ele começa a avançar suas posições. De um lado, há elementos de sua posição anterior:

“Elas (as teses do marxismo) mostram que a idéia de procurar a salvação da classe operária em outra coisa que não o desenvolvimento do capitalismo é reacionária. Em países como a Rússia, a classe operária sofre menos do capitalismo que da insuficiência de seu desenvolvimento. A classe operária é pois interessada no desenvolvimento o mais amplo, o mais livre e o mais rápido do capitalismo”.²⁴

De outro lado, há modificações substanciais. Já não se trata de forçar o czar a convocar qualquer coisa mas de derrubá-lo e proclamar a República. O governo que emergirá da insurreição será um governo provisório revolucionário que reprimirá os elementos reacionários e marchará no caminho das reivindicações dos trabalhadores. Será a ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato. Tal governo convocará uma assem-

bléia constituinte que dará, então, forma ao novo regime.

O aspecto internacional ganha nova dimensão. É ele que faz com que Lenin não tema a vitória completa da social-democracia:

“... nós não devemos temer (como o faz Martinov) a vitória completa da social-democracia na revolução democrática, quer dizer a ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato, porque esta vitória nos permitirá sublevar a Europa; e o proletariado socialista europeu, depois de ter-se liberado do jugo da burguesia, nos ajudará, por sua vez, a fazer a revolução socialista.”²⁶

É esta parte mais nova do pensamento de Lenin que vai se afirmar com o tempo. Em 1917, mesmo enfrentando reações no seu próprio partido, afirmará uma posição de tomada de poder pelo proletariado e o campesinato pobre na direção da revolução socialista.

Para êle, a ditadura democrática do proletariado e do campesinato já tinha se realizado de certa forma com a existência do duplo poder:

“O que há de original na situação atual na Rússia é a transição da primeira etapa da revolução que deu o poder à burguesia, em função do insuficiente nível de consciência e organização do proletariado, à segunda etapa que deve dar o poder ao proletariado e às camadas pobres do campesinato.”²⁶

E ia mais longe:

“A passagem do poder de uma classe à outra é a característica primeira, fundamental, de uma

revolução, tanto no sentido estritamente científico quanto no sentido político e prático do termo.

Assim, a revolução burguesa, ou democrática burguesa está terminada na Rússia”.²⁷

Tratava-se para ele de assegurar o poder aos soviets, derrubando o governo burguês.

Outra posição importante (e vitoriosa) foi a de Trotski. Desde bem cedo defendeu a tese de que o proletariado poderia tomar o poder na Rússia, cabendo a ele, apoiado no campesinato, a realização das tarefas democráticas. Mas, tendo o poder, seria obrigado, pela dinâmica da luta de classes, a realizar as primeiras medidas socialistas. É o que se chamou de revolução permanente.

Trotski afirma que a definição geral de que a revolução é burguesa não soluciona os problemas colocados pela própria revolução e diz que:

“O proletariado cresce e fortalece-se à medida que se desenvolve o capitalismo. *Considerado neste sentido, o desenvolvimento do capitalismo* transforma-se na evolução do proletariado para a sua ditadura. Mas o dia e a hora em que o poder passa para as mãos da classe operária não depende diretamente do nível das forças produtivas; depende da luta de classes, da situação internacional e, finalmente, de toda uma série de elementos subjetivos, especialmente a tradição, a iniciativa e a preparação para a luta. O proletariado pode chegar ao poder em um país economicamente atrasado antes do proletariado de um país avançado do ponto de vista capitalista. Acreditar que a ditadura do proletariado depende automaticamente das forças técnicas e dos recursos de um país é um preconceito nascido de um materia-

ismo econômico extremamente simplificado. Esta opinião não tem nada a ver com o marxismo. Na nossa opinião, a revolução russa cria condições tais que o poder poderia (e no caso de vitória deveria) passar às mãos do proletariado antes dos políticos do liberalismo burguês terem ocasião de desenvolver toda a excelência de seu gênio político".²⁸

Desta forma, questiona diretamente a necessidade de uma etapa de democracia burguesa:

"A democracia política é uma etapa na evolução das massas operárias, mas com a reserva fundamental de que por vezes são necessários dezenas de anos para transpor esta etapa, ao passo que uma situação revolucionária lhes permite libertarem-se dos preconceitos da democracia política antes que as instituições desta se encontrem efetivamente estruturadas".²⁹

Finalmente, ele afirma que no poder o proletariado coloca o coletivismo na ordem do dia e que a revolução pode ser o prólogo da revolução mundial.

As posições dos dois dirigentes se aproximaram, portanto, na fase que precedeu a revolução. Divergências subsistiam, mas de detalhe. Caberia aos soviets o poder e algumas medidas socialistas — ou na direção do socialismo — começariam a ser tomadas.

III — A REVOLUÇÃO TRIUNFANTE

Até a industrialização

O problema imediato a resolver era o da paz. O governo soviético propôs paz aos dois campos, uma paz sem anexações e sem condições. Os aliados pressionavam, no entanto, no sentido da continuação da guerra. Os russos tiveram que tratar à parte com os alemães. A paz que conseguiram foi duríssima. Enormes porções do território soviético foram entregues aos alemães. Boa parte das riquezas russas ficaram nas mãos deles.

Mas, ao mesmo tempo em que se conseguia a paz com a Alemanha, o novo regime se enfrenta com o início da guerra civil e a intervenção dos aliados.

A situação econômica era bastante ruim. A economia estava completamente desorganizada. As indústrias funcionavam mal, em parte pelo boicote patronal, em parte por falta de matérias-primas ou de peças de reposição.

Não era intenção do governo soviético nacionalizar toda a indústria, mas é isto que vai acontecer. Seja como resposta ao boicote dos patrões, seja

porque os operários tomam conta das fábricas na marra. E não havia aparelho para gerir a indústria.

Se as cidades precisavam de grãos, o exército vermelho também. Mas as cidades não tinham o que oferecer em troca aos camponeses. O dinheiro não valia nada e com ele o camponês não comprava nada que lhe interessasse. O governo apelou para a requisição. Tudo aquilo que ultrapassasse a necessidade de sobrevivência do camponês e de sua família seria expropriado.³⁰ Foram formados destacamentos de choque incluindo um número considerável de operários.

Centralizou-se a economia. Centralizou-se a política. Não somente a classe operária caiu na lassidão (Bukarin fala em sua desintegração), como seus melhores quadros foram para o trabalho do partido e do exército. Os soviets começam a perder poder para seus órgãos executivos e estes para o governo. Isto em parte foi exigido pela própria situação de caos. Mas de outro lado significava que a revolução começava a tomar conhecimento das dificuldades de "socializar" a Rússia.

Não só o Estado se centraliza. O partido segue também esta dinâmica embora com menor ritmo. Os outros partidos são progressivamente postos fora da lei. O argumento é de que se ligavam aos adversários da revolução na guerra civil. Mas isto nem sempre foi verdade.

Governava-se sem que o dinheiro tivesse praticamente nenhum papel. Tudo era decidido pelo Estado. Lenin, que pouco antes da revolução havia escrito um livro em que tentava desmistificar a idéia

que gerir o Estado era difícil e que qualquer cozinheira poderia fazer isto, perguntava-se:

"Cada operário saberá administrar o Estado? As pessoas práticas sabem que isto é um conto de fadas... Os sindicatos são uma escola de comunismo e de gestão. Quando eles (os operários) tiverem-nos freqüentado, terão aprendido, mas os progressos serão lentos... Quantos operários participam na gestão? Alguns milhares em toda a Rússia, é tudo".

Trotsky, que em sua vida defendera tanto o movimento de massas, que temera o burocratismo partidário, defendia a centralização:

"Hoje recebemos do governo polonês propostas de paz. Quem decide sobre isto? Temos o Sovnarkom, mas ele deve ser submetido a certo controle. Que controle? Aquele da classe operária sob sua forma de massa caótica e informe? Não. O Comitê Central do partido foi chamado para discutir estas proposições e decidir sobre a resposta a dar."³¹

Lenin não se pejava da ditadura de um só partido:

"Sim, a ditadura de um só partido! É sobre ela que nos apoiamos e não podemos nos afastar desta base porque nosso partido é aquele que no curso de decênios conquistou, a sua própria custa, a posição de vanguarda do conjunto do proletariado das usinas e das indústrias."³²

Consagra-se o domínio de um partido que fica no poder por seus títulos. A relação com os trabalhadores é bem descrita por Trotsky:

"Não temos outra via para o socialismo senão a direção autoritária das forças e dos recursos eco-

nômicos do país e a repartição centralizada da força de trabalho de acordo com o plano geral estabelecido pelo Estado. O Estado dos trabalhadores se considera autorizado a enviar cada operário para onde seu trabalho é necessário. E nenhum socialista sério vai querer contestar ao Estado dos trabalhadores o direito de usar mão de ferro sobre o operário que se recusa a cumprir seu dever de trabalhar".³³

E vejam: o 7.º congresso do partido pediu as "medidas mais enérgicas, as mais radicais e as mais draconianas para suscitar a auto-disciplina e a disciplina dos operários e camponeses".³⁴

Os sindicatos tornam-se uma agência de Estado. Encarregam-se de punições aos operários que cometeram crimes, como chegar atrasado, ter uma conduta incorreta em relação aos clientes, não ter disciplina sindical, desobediência, abandono voluntário do trabalho, propaganda pela diminuição das jornadas de trabalho. Os criminosos podiam ir parar em um campo de trabalho, realizar trabalho forçado, quando não eram enviados para prisões que os próprios sindicatos criaram.

O importante para os bolcheviques era, no imediato, não perder a guerra civil e garantir o abastecimento. Os camponeses toleraram em certa medida as requisições enquanto a guerra civil durou. Os brancos poderiam tirar as terras que ganharam com a revolução. Mas à medida que a guerra acabou, a situação foi ficando intolerável. Começaram a plantar menos. Revoltas espoucaram aqui e ali. O risco era de vir tudo abaixo. Era necessário mudar a política.

Os que achavam que a fase do comunismo de guerra não era o ideal mas era comunismo ficaram escandalizados. O governo, sob a inspiração de Lenin, começou a tomar medidas de liberalização econômica. O movimento de recuo, como o denominou Lenin, chegou bem longe. Começou pelo abandono das requisições de grãos e sua substituição por um imposto em produtos e pela legalização de certas práticas que já existiam clandestinamente no comunismo de guerra. Mas logo avançou com rapidez, rapidez maior do que queria o governo que foi obrigado em alguns casos a ir a reboque do que se passava. Começava a nova política econômica.

Foi restabelecida a liberdade de comércio. O Estado começou a ajudar pequenas e médias empresas privadas. Algumas das empresas estatais foram alugadas a particulares. O Estado estimulou a formação de trustes autônomos a partir das empresas do Estado. Estes trustes não recebiam nenhuma ajuda mas em compensação só davam ao Estado uma parte de seus lucros. Facilitou-se, sob protestos dos sindicatos, as possibilidades de demissões sem indenização, de multas quando o rendimento do operário não correspondia, etc.

A economia cresceu. A situação aliviou-se. Mas às custas da comprovação de que não se podia fazer socialismo nenhum.

O partido comunista, que no seu interior ainda apresentava elementos de democracia, transformou-se desfavoravelmente neste período, até se chegar ao momento, em função do aparecimento da oposição operária e da grande polêmica sobre os sindicatos, da interdição formal de frações e grupos em geral

dentro do partido. É bem verdade que se tentou contrabalançar esta decisão com a saída de publicações de debates e outras iniciativas. Mas o conjunto da posição era de fechamento. O Comitê Central ganhou o direito de excluir de seu interior membros que não estivessem cumprindo as resoluções do partido.³⁵

A ausência de democracia interna ganhava como justificativa o fato da própria NEP. Um recuo de tal envergadura dever-se-ia fazer em absoluta ordem, era a justificativa de Lenin cuja morte facilitou sem dúvida o triunfo final da burocracia mas que era ele mesmo parcialmente responsável pela situação. Seus últimos anos de vida e seus meses de vida útil foram em boa parte, no entanto, dedicados a manter certas conquistas da revolução (como o monopólio do comércio exterior) e a encaminhar uma luta contra a burocracia.

A morte de Lenin consagrou uma correlação de forças que já se desenhava no partido e no governo. Uma fração, aglutinada em torno de Stalin, assume o controle do partido. Uma oposição de esquerda se forma em torno de Trotski. As divergências se dão em torno da questão da democracia no partido e dos rumos do regime. A oposição queria começar a industrialização a ritmos rápidos. A posição dominante, de fato, uma aliança entre a "direita" de Bukarin e o "centro" de Stalin, defendia a manutenção da NEP. Bukarin pronunciou seu célebre conselho aos camponeses: "enriquecei-vos"!

Mas a pequena produção gera a grande. O livre comércio desenvolve a produção mercantil. A

produção crescia. Mas o capitalismo também. A situação dos camponeses era dada pelas diferenciações sociais que a NEP acentuou. A revolução de 17 tinha tido uma política igualitarista em relação ao campo. A NEP enriqueceu alguns e proletarizou outros, que começaram a se assalariar junto aos ricos (kulaks). O livre comércio permitiu o aparecimento dos nepmen, uma espécie de burguesia comercial que freqüentemente trabalhava junto às empresas estatais ou junto aos trustes.

O poderio econômico destes setores começou a preocupar o governo e o partido. A burocracia começou a sentir-se ameaçada. No momento em que os camponeses ricos começaram a reter a produção para aumentar os preços, a burocracia achou que chegava. A direita do partido foi desmantelada, seguindo o caminho da esquerda. Sob a liderança de Stalin, impôs-se a coletivização abrupta do campo. Não cabe detalhar aqui o que foi este processo que não atingiu somente os kulaks mas o conjunto do campesinato. Basta lembrar que o número de vítimas mortais é calculado entre dois e dez milhões. Milhões de camponeses foram deportados para os campos ou para as cidades, servir de mão-de-obra industrial.

A industrialização se processou a um ritmo muito maior do que o que a oposição defendia. E foi realizada em cima dos trabalhos forçados e das purgas que atingiram quase todos os velhos bolcheviques, os ex-mencheviques, especialistas burgueses e finalmente os próprios stalinistas, passando por uma purga grande no exército.

A URSS ganha aí mais ou menos a feição dos dias de hoje.

A Rússia engoliu a revolução

O fato de Stalin ter ordenado o massacre dos camponeses e mandado assassinar milhares de pessoas, o fato de, como dissemos, ser em sua época que a URSS ganhou, digamos, sua feição mais estruturada, faz com que alguns lhe atribuam todos os males e localizem em sua ascensão no partido e no governo a origem do triunfo burocrático. Esperamos que o já dito sobre o comunismo de guerra e a NEP tenham contribuído para desmentir tal versão.

Os campos de trabalho e de concentração começaram no comunismo de guerra. A proibição de frações no partido foi proposta por Lenin. O pluripartidarismo foi praticamente extinto ainda no tempo do comunismo de guerra. A repressão a camponeses não foi privilégio do stalinismo. Lenin, quando em 19 modera as requisições tentando neutralizar o camponês médio, reconhece que as requisições algumas vezes ultrapassaram o possível, ou seja, tiraram dos camponeses produtos essenciais à sua sobrevivência e à da família. A mão de ferro sobre os operários não era desconhecida dos sindicalistas nem de Trotski.

Os últimos anos de Lenin estão cheios de atitudes contraditórias. Mas não resta dúvida que percebeu o problema da burocratização. Que sentiu o peso da falta de cultura na URSS. Que deparou-se

com o baixo nível de desenvolvimento das forças produtivas. Com relações de produção atrasadas. Se sua luta final engrandece-o, não resolve a questão. A burocracia já dominava à época do próprio Lenin.

Alguns vêem a coisa de outro jeito. Aliás, Lenin mesmo, com a NEP, chegou a falar de capitalismo de Estado, mas gerido pela classe operária, ou seja, sob a ditadura do proletariado. Mas esta famosa ditadura do proletariado já estava colocada em cheque pelo próprio Lenin:

“Se diz que é necessária a unidade do aparelho. De onde partiam estas afirmações? Não será do mesmo aparelho russo, que como eu indicava em um dos números anteriores de meu diário, pegamos do czarismo, tendo-nos limitado a ungi-lo ligeiramente com o óleo soviético? É indubitável que se devia retardar esta medida até que pudéssemos dizer que respondemos por nosso aparelho como algo próprio. Mas agora, conscientemente, devemos dizer o contrário: que chamamos nosso um aparelho que na realidade nos é completamente alheio e constitui uma mistura burguesa e czarista que não foi possível superar em cinco anos sem a ajuda de outros países e em momentos em que predominavam as ocupações militares e a luta contra a fome”.³⁶

“Nosso aparelho estatal, exceto o Comissariado do Povo para as relações exteriores, representa em sua maior parte uma sobrevivência do antigo aparelho que só em grau ínfimo foi modificado de forma mais ou menos séria.”³⁷

E mais diretamente:

“Estamos seguros que nosso aparelho que amiúde trabalha não para nós mas contra nós — não devemos temer dizer a verdade, ainda sendo da tribuna do supremo organismo legislativo da República — será melhorado.”³⁸

Os eventuais caminhos da vida política poderiam ter modificado não o caráter do regime soviético mas teriam talvez eliminado a possibilidade do stalinismo. Outros países que fizeram a revolução nacional, dirigidos por um partido revolucionário reclamando-se do marxismo, mostram traços semelhantes aos da sociedade russa sem terem passado pelas barbaridades stalinistas. Mas é impossível construir o socialismo em um país atrasado, com pouco peso da indústria, com uma imensa população camponesa.

Não se trata aqui somente do nível das forças produtivas. É evidente que este não permitiria o socialismo. Mas trata-se das próprias relações de produção pré-capitalista que não podem se transformar por mágica. Não se podem dar saltos por cima das relações de produção. Ou então bastaria o amor ao próximo para se socializar a sociedade. O amor é sem dúvida uma condição necessária mas não é suficiente. Ou os projetos utópicos já ter-se-iam realizados.

Bettelheim nos mostrava, em sua análise da luta de classes na Rússia, que era possível construir o socialismo a partir de um país atrasado, e dizia que a China era um exemplo vivo. Hoje sabemos do que a China é exemplo. Ela é exemplo de que os caminhos da URSS são inevitáveis para os

povos que fazem uma revolução nacional com espírito socialista, sem que sobrevenha a revolução proletária internacional.

A tradição estava errada quando viu na URSS a primeira revolução socialista. Kaustki estava errado quando aí viu a última revolução burguesa. A Rússia inaugurou, sim, o ciclo das revoluções burguesas sem burguesia. O século vinte é o autêntico século das revoluções nacionais, afinal o mundo não é a Europa...

Estas revoluções não chegam ao socialismo mas tiram os países pobres da miséria e do atraso a que estavam condenados pelo capitalismo. São revoluções progressistas durante certo tempo, ao menos até que a burocracia se enfrente com uma classe operária combativa e com peso social, o que é difícil antes que o país se industrialize.

A industrialização traz em si uma divisão de classes em potência. Durante muito tempo o marxismo menosprezou o processo de trabalho. Se você deve desenvolver uma economia baseada na construção da grande indústria, onde poucos pensam e planejam e muitos executam, onde o trabalho é de uma monotonia embrutecedora, alienado portanto, de certa forma você fabrica a passividade, a dispersão, a subalternidade, a pouca participação e criação, espere revoltas mas não fraternidade nem participação.

Pois foi a industrialização uma das tarefas básicas destas revoluções. Defendendo a direção única na indústria soviética, Lenin dizia:

“Toda grande indústria mecânica que constitui precisamente a fonte e a base material da produção do socialismo exige uma *unidade de vontade* rigorosa, absoluta, regulando o trabalho comum de centenas, de milhares e de dezenas de milhares de homens... A *submissão sem reservas* a uma vontade única é absolutamente indispensável para o sucesso de um trabalho organizado sobre o modelo da grande indústria mecânica”.³⁹

Faltou acrescentar que esta vontade única cada vez mais está inscrita no próprio sistema de máquinas, ou seja, esta vontade única regula a vontade do grande monstro mecânico, a trabalhar na produção de coisas e na reprodução de escravos.

As famosas teses de Trotski sobre o início da coletivização mostraram-se corretas se substituímos o termo por estatização. Os famosos sonhos de Lenin sobre a administração democrática desapareceram nas relações de produção atrasadas, nas forças produtivas não desenvolvidas.

Tudo isto não esconde que foi perfeitamente justo que se tomasse o poder. O destino do proletariado no capitalismo era muito pior e não resta dúvida que devia tentar tomar o poder em suas mãos. A situação da Rússia, se não fosse a revolução, seria a de mais um país dependente.

Mas a questão não se limitava a isto. A análise dos bolcheviques era uma análise que partia da situação internacional, ou melhor dizendo, da revolução internacional. Acreditavam que o proletariado europeu poderia tomar o poder em seus países. Viam na crise da guerra uma crise de dimensões,

no mínimo, européias. A tomada do poder se justificava em parte pela possibilidade de transformar a revolução democrática em socialista no correr do processo da revolução internacional.

Não foi assim. A revolução, nada há de mais cruel, esteve quase vitoriosa na Alemanha, mas terminou com o massacre dos operários pela social-democracia.

A política dos bolcheviques foi, na maior parte do tempo e dos casos, uma política de apoio à revolução internacional. Não sem erros, nem sem certo chauvinismo. Mas a revolução na Europa era vista como uma salvação.

Uma das características da tecno-burocracia, ou de seu ascenso, foi uma política cada vez mais de defesa da pátria do socialismo e cada vez menos de revolução internacional. Se o isolamento da URSS contribuía para o reforço da tecno-burocracia, a tecno-burocracia contribuía para o isolamento da URSS do ponto de vista revolucionário.

Sem revolução internacional, nada de socialismo. Lenin foi perspicaz sem dúvida em detectar o problema e ver que já em seu tempo os revolucionários não dominavam mais o Estado. O partido sim, mas o partido em boa parte já expressava outra coisa que aquele dos anos heróicos. A angústia de Lenin está representada, e bem, quando diz:

“Sejam capazes vocês, comunistas, vocês, operários, parte consciente do proletariado que se encarregaram de dirigir o Estado, sejam capazes de fazer com que o Estado que têm em suas mãos atue de acordo com a nossa vontade. Pois bem, passou-

se um ano, o Estado encontra-se em nossas mãos, mas atuou, na NEP, durante este ano, de acordo com nossa vontade? Não. E não queremos reconhecer que ele não atuou como queríamos. E como atuou? Escapa-se o automóvel de nossas mãos; aparentemente há uma pessoa que o guia, *mas o automóvel não vai para onde o guiam, mas para onde alguém o dirige*, alguma coisa clandestina ou que está fora da lei ou que Deus sabe de onde saiu, ou talvez uma e outra coisa; mas o automóvel não anda como imagina o motorista e freqüentemente anda de forma completamente diferente".⁴⁰

Stalin era o chofer que o carro pedia.

IV — PROBLEMAS DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Considerado do ponto de vista mundial, qualquer país hoje está maduro para a revolução socialista. Se a revolução inscreve-se em um processo de transformações que abranja países adiantados economicamente, será possível começar por aí uma revolução socialista.

Encarado como um processo isolado, melhor dizendo, apresentando-se como um processo isolado, a revolução nacional dá no modo tecno-burocrático de produção.

Esta qualidade potencial está presente em cada revolução em países atrasados. Haverá formas de solucioná-la positivamente?

Quando Lenin e os bolcheviques teorizavam sobre o socialismo, não tinham então nenhuma experiência histórica. Saboreavam cada pedaço da curtíssima experiência da Comuna de Paris. Ora, hoje nós temos a experiência viva de uma série de países que enveredaram pela revolução. Como conciliar nossos objetivos com esta realidade?

Nossa primeira função é criticar impiedosamente. O proletariado e o povo de forma geral ter-se-iam beneficiado muito se tivessem absorvido cri-

ticamente tal experiência. Normalmente não se deu assim. Impôs-se uma tendência muito forte a imitar o caminho da URSS tal qual, mesmo quando não existiam relações de subordinação a ela.

De um lado, tal tendência é natural. Qualquer pessoa sensata sabe que o desenvolvimento material passa pela industrialização. Como impedir que saiam todos industrializando? Mas o proletariado vai sofrer as conseqüências, algumas das quais poderia ter evitado ou reduzido seus efeitos.

Para avançar o máximo possível, uma questão essencial para o proletariado e para os marxistas é a mais ampla democracia política. A experiência comprova que a falta de liberdade dos adversários do proletariado e de seus aliados termina implicando na falta de liberdade para o próprio proletariado. A dinâmica é impedir qualquer manifestação burguesa porque a burguesia é inimiga de classe. Em seguida, impede-se as manifestações dos aliados porque fazem o jogo da burguesia ou reproduzem seus comportamentos. Depois amordaçam o proletariado em nome de seus interesses históricos. Finalmente, no seio do partido comunista ou seja lá como se chame, os que acharam demais e protestaram, são eliminados porque representam "objetivamente" posições burguesas.

Evidentemente o proletariado não pode garantir direitos políticos a quem lhe faz guerra civil. Mas fora disto, a mais ampla liberdade deve existir.

Os críticos da liberdade alegam que a burguesia sempre impediu os trabalhadores de se organizarem. Que freqüentemente ficou ela própria sem participar politicamente só para lascar o proletaria-

do (o que, em contraposição, implicaria na possibilidade de socialismo sem governo proletário). São duas classes distintas. Como exemplo daremos um: a burguesia não perde seu poder econômico se não exerce o governo; o proletariado sem poder político não tem poder econômico. A dialética entre representantes e representados é uma para a burguesia, classe restrita numericamente e com o controle econômico; ela é outra para o proletariado, cujos representantes podem sempre se tornar seus futuros exploradores.

Trotsky definia como o traço mais incontestável da revolução a intervenção direta das massas na história. E diz que:

"A história da revolução é para nós, antes de tudo, a narrativa de uma irrupção violenta das massas no domínio onde se decidem seus próprios destinos."⁴¹

Depois da tomada do poder, as massas não ficam a cada passo intervindo em tudo. Não se trata de julgar se é bom ou ruim. Se trata de compreender que ela vai intervir nas grandes questões. Mas que enquanto isto, seus representantes agem. Qualquer tipo de representação, mesmo a revogável a qualquer momento, mesmo a que é assalariada minimamente, cria uma separação entre representantes e representados.

Aos que se erguerem contra isto, a demonstrar o contrário. A intervenção política das massas no caminho do comunismo visa a extinção da política.

A conquista da mais ampla liberdade política é uma condição vital para que as massas possam intervir nos momentos decisivos e possam se juntar

a parcelas da vanguarda. Ela é que vai possibilitar também que o máximo de vida social passe ao largo do Estado.

Não será este estado a ditadura do proletariado? Será e não será. Na medida sobretudo em que a revolução internacional não saia, vai-se criando uma disputa pelo aparelho. Todo Estado gera desigualdades, ao menos quando não é um estado que se extingue. As massas devem lutar contra o aumento de seu aparelho. Devem desconfiar de seu aparelho. Devem lutar para que perca importância e não que a ganhe.

A situação é muito mais grave se lembrarmos que a classe operária está trabalhando na indústria. Um trabalho duro, esgotador e alienado. Um trabalho que não deixa muito tempo e disposição para o lazer e a criação. Um trabalho cada vez mais mecânico e rotineiro.

Mas a propriedade industrial não é coletiva? Sim e não. Sim, porque está escrito em qualquer parte e porque os operários podem de fato ter um controle da marcha geral da indústria. Não, porque a estrutura da unidade industrial é feita para não permitir controle coletivo mas submissão coletiva. Aqui teremos de novo, embora em forma mais atenuada, problemas de representação.

Marx nutria, é compreensível, certa admiração pela tecnologia burguesa. Isto o levou, embora denunciando seus efeitos, a esperar que o socialismo pudesse levantar-se em cima de tal base. Mas seria incompreensível que a destruição da forma social da produção não viesse a par com a eliminação do

processo capitalista de trabalho, máxime quando nos lembramos que se trata não de mudança de uma sociedade de classes para outra, mas da construção de uma sociedade sem classes, radicalmente diferente das sociedades anteriores.

Se bem que os princípios teóricos que regem a construção das máquinas podem ser aplicados em outro sistema social, é problemática a utilização das máquinas como as conhecemos hoje porque elas guardam estreita relação com o regime econômico e social. Mas, não se pode ver a máquina isoladamente: é todo o sistema industrial que é classista, voltado para a submissão e a parcelização do trabalhador. A unidade industrial é capitalista, encarna materialmente a técnica a serviço da exploração.

A automação confirma isto. O princípio da automação é que dá a base potencial, do ponto de vista técnico, para a sociedade sem classes. Utilizando-o, poderemos romper o que chamamos de unidade industrial e tornar a produção verdadeiramente social. Poderemos romper a divisão entre trabalho manual e intelectual pelo fim do trabalho manual obrigatório. Mas o princípio da automação corporificado na indústria capitalista consegue trazer mais parcelização, menos criatividade e mais embrutecimento.

A transformação das forças produtivas, de que falava Korsch, preocupação de certas correntes maoístas, curiosamente levadas até aí pela subestimação destas mesmas forças, é uma questão na ordem do dia. A demagogia sobre relações de produção não resolve nada se não atacamos também as desigualdades que vêm inscritas nas próprias forças produtivas e em sua disposição.

Ora, os países pouco desenvolvidos são os que têm menos chance de quebrar a estrutura industrial e desenvolver de forma diversa os princípios da automação. E falo daqueles que têm indústria e classe operária...

Restam ao proletariado dos países atrasados duas linhas de ação: conquistar o máximo de liberdade na revolução e tomar certas medidas que eu, pejado, chamaria de reformistas. Medidas que não podem esperar, que devem ser tomadas enquanto o proletariado estiver aceso, que lhe garantirá posições para o futuro.

A primeira providência é relativizar o conceito de eficácia na produção. Todos sabemos dos problemas sem fim que os povos dos países atrasados apresentam. O culto da eficácia vai ter uma justificativa bem estabelecida. Note-se que são em parte os próprios produtores que padecem no regime anterior. Devem dizer que não trabalharão nas mesmas condições em que trabalham no capitalismo.

Embora se engajando para eliminar a fome, o analfabetismo e problemas de saúde saídos da pobreza, não deverá ver o proletariado nisto motivo para que passe metade de sua vida útil em condições de vida animais. Melhores condições de trabalho não significa simplesmente trabalhar com mais segurança. Significa trabalhar mais confortavelmente. É uma coisa que pode não preocupar nossos intelectuais mas é importante para a classe operária.

Um amigo meu que teve a possibilidade de trabalhar em um dos países socialistas em planificação e organização do trabalho fabril contava que quando sua equipe chegava nas fábricas para re-

formá-las os operários diziam: lá vem os homens! E protestavam. Já sabiam que a tecno-burocracia, na ânsia de economizar instalações, iria querer aumentar o número de máquinas na fábrica, por exemplo, reduzindo o espaço a um nível de jaula de leão de circo pobre. Para estes operários, é uma infelicidade cotidiana.

A própria tecnologia industrial pode ser usada de uma forma menos alienada. Eliminando-se seus aspectos mais grotescos. Eliminando esteiras. Dando maior formação geral aos operários. Revezando tarefas.

Este esforço é insuficiente. Devem sistematicamente recusar-se a trabalhar mais que oito horas por dia. Os regimes tecno-burocráticos se criam também em cima do mito do trabalho comunista. O trabalho comunista não tem nada a ver com o trabalho realizado em fábrica. É verdade que Marx falou que o trabalho se tornaria a primeira necessidade vital. Mas isto em uma sociedade onde não há divisão de trabalho intelectual e manual, onde o trabalho não seria mais a luta pela sobrevivência, ou seja, onde já não seria mais trabalho no sentido estrito do termo.

O proletariado deve lutar prontamente pelo dia de trabalho de seis horas. Não há que se esperar um aumento de produtividade para se reduzir o tempo de trabalho que forçará o aumento da produtividade. E não se aceite que o aumento de trabalho se dê em cima de sua intensificação.

A redução do tempo de trabalho é que permite aumento do lazer e da qualificação. Bahro usa um termo "consciência excedente", no sentido de que

já existem condições de transformação da sociedade na cabeça das pessoas, que elas não sabem onde colocar seu potencial criador. Recomendando a fabricação de consciência excedente através do estudo, êle não esquece que os operários devem ter uma preparação técnica que os capacite a intervir na totalidade da vida industrial.

É a redução do tempo de trabalho que permite a aquisição desta capacitação técnica (a nível universitário).

O sentido da educação universitária deve mudar. Todo o mundo deve ter educação universitária. É aguçando o problema que êle será resolvido. Os marxistas burgueses protestarão em nome da eficácia. Mas a eficácia deles é a mesquinha eficácia do capitalismo contra a qual lutamos. Nossa eficácia é a dos trabalhadores criativos, dominando a ciência e a técnica, dominando cada vez mais as condições da produção e a produção, dominando as letras e filosofando.

São medidas de fundo, dizendo respeito aos trabalhadores. O que se conseguirá implantar? Aqui, talvez quase nada. Ali, uma parte substancial. Algumas destas sugestões levarão tempo. Neste intervalo, a burocracia já terá talvez o controle. Neste caso, é ainda assim que o proletariado terá não somente melhores condições de vida, mas melhores condições de luta.

Há uma dezena de outras medidas. Algumas atingindo de forma paliativa a divisão de trabalho; é o caso do exemplo chinês de colocar os burocratas trabalhando um período como operários. Medida

justa que pode ser acrescida de um longo tempo de trabalho manual para os que vêm de sair da Universidade.

Não se trata de esgotar o assunto mas de ter um rumo geral.

Não poderíamos deixar de falar de uma questão nem sempre tratada. Trata-se da questão dos costumes. Na maior parte dos países que fizeram a revolução, há um conservadorismo incrível em matéria de família, de moral, de sexo, de cultura. Não se pode pensar em avançar para uma sociedade sem classes conservando e estimulando este tipo de conservadorismo. Para alguns, ele é simplesmente reflexo das condições econômicas. Para o proletariado êle é condição de vida. Simplesmente, êle se incapacita para desaparecer, para chegar à sociedade sem classes, se não começa a se liberar também fora do trabalho.

Quadro I

Peso específico dos meios de produção e dos bens de consumo na produção industrial

Ano	setor I	setor II
1928	39,5	60,5
1940	61,2	38,8
1945	74,9	25,1
1955	70,5	29,5
1964	74,0	26,0

In Chauvier, "L'URSS au second souffle"

NOTAS

¹ Chauvier, J.M. — L'URSS au second souffle. Editions de la Fondation André Renard. Belgique, 1976.

² São os que tecnicamente designamos como meios de produção.

³ Stalin — Materialismo Dialético e Materialismo Histórico. Editora Global. Brasil, 1978.

⁴ Kautsky — La dictature du prolétariat. Union Générale d'Editions — 10-18 — France, 1972.

⁵ Korsch — Marxisme et contre-révolution. Editions du Seuil. France, 1975.

⁶ Bettelheim, C. — Les luttes de classes en URSS — Ed. Maspero/Seuil — France, 1974.

⁷ Trotsky, L. — A revolução desfigurada. Ed. Antídoto. Portugal, 1977.

⁸ Trotsky, L. — A revolução traída. Edições Antídoto. Portugal, 1977.

⁹ E. Germain — A burocracia nos Estados operários. Editorial Fronteira. Portugal, 1975.

¹⁰ Bahro, R. — A Alternativa — Ed. Paz e Terra. Brasil, 1980.

¹¹ Trotsky, L. — Ver A Revolução Traída — nota 8.

- 12 Curiosamente o próprio Mandel reconhece isto na obra citada, pp. 84-85.
- 13 Marx, K. — Crítica do Programa de Gotha. Ed. Portu- calense — Portugal, 1971.
- 14 Charlier, F. — Socialismo ou capitalismo? Editorial Fron- teira — Portugal, 1975.
- 15 Engels, F. — Do socialismo utópico ao socialismo cien- tífico — in Obras Escogidas, Editorial Progreso, URSS.
- 16 Marx, K. — op. cit.
- 17 Bahro, R. — op. cit.
- 18 Chauvier, J. M. — op. cit.
- 19 Trotsky, L. — ver nota 8.
- 20 Diaz, J. — El marxismo de Lenin in contra la burocracia. Ediciones Pasado y Presente. Argentina, 1971.
- 21 Trotsky, L. — Histoire de la révolution russe. Ed. Seuil. France, 1950.
- 22 Lenin, V. I. — Um mouvement rétrograde dans la social- démocratie russe. in O. C. vol. 4. Editions Sociales. France, 1959.
- 23 Idem, idem.
- 24 Lenin, V. I. — Deux tactiques de la social-démocratie dans la révolution démocratique. In O. C. vol. 9. Editions Sociales. France, 1959.
- 25 Idem, idem.
- 26 Lenin, V. I. — Les tâches du prolétariat dans la présente révolution — In O. C. vol. 24. Editions Sociales. France, 1959.
- 27 Lenin, V. I. — Lettres sur la Tactique — in O. C. vol. 24. Editions Sociales. France, 1959.

- 28 Trotsky, L. — Balanço e Perspectivas — cit. em "A Revolução Permanente" — Edit. Antídoto. Portugal, 1977.
- 29 Trotsky, L. — idem, idem.
- 30 Carr, E. H. — La révolution bolchevique. Ed. Minuit. France, 1974.
- 31 Idem, idem.
- 32 Idem, idem.
- 33 Mattick — Valeur et Socialisme.
- 34 Carr, E. H. — ver nota 30.
- 35 Atribuição até então do Congresso do Partido.
- 36 Lenin, V. I. — Contra la burocracia. El problema de las nacionalidades o de la "autonomia".
- 37 Lenin, V. I. — Como debemos reorganizar la Inspección Obrera y Campesina.
- 38 Lenin, V. I. — Discurso en la IV Sesión del CEC en Russia.
- 39 Carr, E. H. — ver nota 30.
- 40 Lenin, V. I. — citado por Diaz, J. — ver nota 20.
- 41 Trotsky, L. — ver nota 21.